

**Ensino do Método Canguru:  
contribuições de oficinas pedagógicas**  
**Teaching the Kangaroo Method:  
contributions from pedagogical workshops**  
**Enseñanza del Método Canguro:  
aportes de los talleres pedagógicos**

**Rafaela Costa Russo do Vale**

Universidade Federal de Alagoas (Ufal), Maceió/AL – Brasil

**Sérgio Seiji Aragaki**

Universidade Federal de Alagoas (Ufal), Maceió/AL – Brasil

**Harylia Millena Nascimento Ramos**

Universidade Federal de Alagoas (Ufal), Maceió/AL – Brasil

**Camila de Melo Moura**

Universidade Federal de Alagoas (Ufal), Maceió/AL – Brasil

**Thaís Ramos de Oliveira Toledo**

Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (Uncisal), Maceió/AL – Brasil

**Resumo**

O Método Canguru (MC) é uma política nacional de saúde voltada para a atenção qualificada e humanizada no cuidado ao recém-nascido e sua família. Considerando sua relevância e possíveis melhorias para aprendizagem mais ativa desse modelo assistencial a discentes em formação, objetivou-se avaliar como oficinas pedagógicas contribuíram para o ensino-aprendizagem sobre o MC. As oficinas ocorreram de modo virtual, com quinze estudantes da área da saúde do projeto de extensão "Nasci prematuro... e agora?". A pesquisa qualitativa e exploratória analisou as práticas discursivas e os sentidos produzidos a partir de duas categorias: "sentidos atribuídos ao Método Canguru e os aprendizados ocorridos durante as oficinas" e "relevância no uso de oficinas pedagógicas no projeto de extensão". Concluiu-se que os sentidos foram alinhados e consolidados ao preconizado pelo MC. As discentes tiveram aprendizados significativos de conceitos que podem embasar suas práticas. A pesquisa também trouxe e poderá trazer contribuições para profissionais da área.

**Palavras-chave:** Método Canguru, Ensino, Aprendizagem, Oficinas pedagógicas, Extensão universitária

**Abstract**

The Kangaroo Mother Care (KMC) is a national health policy aimed at qualified and humanized care for newborns and their families. The objective of the investigation was to evaluate how pedagogical workshops contributed to teaching-learning about KMC. In this sense it was considered its relevance and the possible improvements for more active learning of this assistance model for students in training. The workshops took place virtually, with fifteen health students from the extension project "I was born premature... and now?". The qualitative and exploratory research analyzed the discursive practices and meanings produced from two categories: "meanings attributed to the Kangaroo

Method and the learning that occurred during the workshops” and “relevance in the use of pedagogical workshops in the extension project”. It was concluded that the meanings were aligned and consolidated with those recommended by the KMC. The students learned significant concepts that can support their practices. The research also brought and could bring contributions to professionals in the field.

**Keywords:** Kangaroo-Mother Care Method, Teaching, Learning, Pedagogical workshops, University extension

### **Resumen**

El Método Madre Canguro (MC) es una política nacional de salud orientada a la atención calificada y humanizada del recién nacido y su familia. Considerando su relevancia y posibles mejoras para un aprendizaje más activo de este modelo de asistencia a estudiantes en formación, el objetivo fue evaluar cómo los talleres pedagógicos contribuyeron a la enseñanza-aprendizaje sobre el MC. Los talleres se desarrollaron de manera virtual, con quince estudiantes del área de la salud del proyecto de extensión “Nací prematuro... ¿y ahora qué?”. La investigación cualitativa y exploratoria analizó las prácticas discursivas y los significados producidos a partir de dos categorías: “significados atribuidos al Método Madre Canguro y los aprendizajes ocurridos durante los talleres” y “relevancia en el uso de los talleres pedagógicos en el proyecto de extensión”. Se concluyó que los significados se alinearon y consolidaron a los recomendados por el MC. Los estudiantes aprendieron conceptos significativos que pueden apoyar sus prácticas. La investigación también trajo y podrá traer aportes a los profesionales del área.

**Palabras clave:** Método Madre Canguro, Enseñanza, Aprendizaje, Talleres pedagógicos, Extensión universitaria

## **1. Introdução**

Este artigo é fruto de uma pesquisa de mestrado profissional em ensino na saúde da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), que teve como objetivo avaliar como oficinas pedagógicas contribuiriam para o ensino-aprendizagem sobre o Método Canguru (MC), realizadas com discentes de um projeto de extensão universitária.

O MC está no âmbito da humanização da saúde. Com o intuito de efetivar a humanização no Sistema Único de Saúde (SUS), o Ministério da Saúde (MS), entre os anos 2000 e 2002, criou o Programa Nacional de Humanização da Atenção Hospitalar. Houve o impulso de um conjunto de ações em hospitais para qualificar a atenção ao usuário e a valorização do trabalhador (Benevides; Passos, 2005). Em 2000, especialmente no cuidado perinatal, foi aprovada a Atenção Humanizada ao Recém-Nascido de Baixo Peso – Método Canguru (Brasil, 2017).

Para ampliar e aprofundar as propostas de humanização na saúde, em 2003, foi criada a Política Nacional de Humanização (PNH). Orientando a prática assistencial humanizada como uma diretriz transversal, a PNH busca pôr em prática os princípios do SUS no cotidiano dos serviços de saúde, produzindo mudanças nos processos de gestão e de cuidado (Brasil, 2013).

No contexto materno-infantil, fomentou-se no Brasil estratégias e regulamentações para implantação e implementação da política nacional de saúde do MC. Trata-se de um modelo de atenção qualificada e humanizada, voltado para o cuidado do recém-nascido (RN) e sua família (Brasil, 2017).

Faz parte do MC o contato pele a pele precoce e crescente, desde o toque até a Posição Canguru. Nessa, o RN é colocado na posição vertical junto ao peito dos pais, pelo maior tempo possível, desde que prazeroso para ambos e respeite a estabilização do RN. Deve ser realizada sob o suporte assistencial de uma equipe adequadamente habilitada para orientar e auxiliar a sua execução (Brasil, 2017).

São comprovados diversos benefícios do MC, tais como: ganho de peso, adequado controle da temperatura corporal, ajuda na qualidade do desenvolvimento neurocomportamental e atenuação do estresse e dor. Além disso, proporciona o aumento do vínculo mãe/pai-filho e favorece o aleitamento materno, com prevalência da amamentação exclusiva até os seis meses. Percebe-se também que acelera a alta hospitalar e reduz a morbimortalidade (Viana *et al.*, 2018; Zirpoli *et al.*, 2019).

Porém, apesar desses ganhos, Ferreira *et al.* (2019) apontam algumas barreiras para o seu desenvolvimento. De acordo com os autores, há resistência e insegurança da equipe para a sua realização, devido à falta de capacitação e sensibilização periódicas. Neste estudo, concluiu-se que é necessária a educação permanente em saúde (EPS) para fortalecer a sua adesão.

Desse modo, na intenção de consolidar o MC nas maternidades brasileiras, foram desenvolvidos manuais técnicos, cursos de sensibilização para as equipes e de formação para tutores. Esses últimos são um dos pilares na disseminação do método, visto que realizam cursos de capacitação aos novos tutores e aos demais profissionais. Nos cursos, adotam metodologias de ensino

centradas no educando, proporcionando aos participantes aprimoramento técnico e capacidade de transformar a realidade vivenciada (Brasil, 2014).

No caminho para a formação na saúde, Martins *et al.* (2018) evidenciaram que vivências de métodos ativos, a partir de oficinas pedagógicas, permitem construir criticidade e reflexão de novos saberes para os pressupostos e para a prática. Dessa maneira, potencializa-se a formação de profissionais mais preparados para lidarem com o atual cenário na saúde.

Paviani e Fontana (2009) afirmam que as oficinas pedagógicas estimulam a construção do conhecimento, com ênfase na ação, sem perder de vista a base teórica. Elas apresentam duas finalidades: a articulação de conceitos, pressupostos e noções com ações concretas e vivenciadas pelo participante e a vivência e execução de tarefas em equipe, ou seja, a apropriação ou construção coletiva de saberes.

Ademais, as oficinas dão visibilidade aos argumentos e aos posicionamentos das pessoas, assim como aos deslocamentos discursivos. Desse modo, a construção e o contraste de versões acerca do assunto podem ser compartilhados, com possibilidade de negociação de sentidos (Spink; Menegon; Medrado, 2014).

Além de EPS, é fundamental investir na formação dos futuros profissionais da saúde. Isso pode ser feito por meio de um trabalho integrado entre discentes e docentes com os profissionais dos serviços de saúde, gestores e usuários.

É importante buscar práticas que promovam o fortalecimento da integração ensino-serviço-comunidade, a citar, os projetos de extensão universitária (Balduino; Veras, 2016). Por meio da extensão, criam-se condições para a formação do pensamento crítico por parte dos discentes. Eles podem compreender como ações da atenção da saúde são efetuadas e engajadas com questões sociais (Marinho *et al.*, 2020).

Nesse contexto, o projeto de extensão "Nasci prematuro... e agora?" tem sido desenvolvido com a participação de estudantes de cursos de graduação da área da saúde, desde 2015. Trata-se de uma parceria entre a Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (Uncisal) e o Hospital Universitário Professor Alberto Antunes (Hupaa) da Ufal. O objetivo é possibilitar aos

estudantes a participação ativa, de forma interprofissional, no planejamento e na execução de ações relacionadas ao MC, no âmbito da educação em saúde.

Discentes dos cursos ofertados pela Uncisal (fisioterapia, fonoaudiologia, enfermagem, medicina e terapia ocupacional) podem participar do projeto. Anualmente, é feita nova seleção, com cinco vagas para cada um dos cursos.

No edital, é indicada bibliografia do MS, acerca do MC, o que já pode ser considerado como uma aproximação para o estudo do tema. Após aprovação, os novos membros são divididos em grupos para fazerem o diagnóstico situacional em todos os setores que envolvem o MC, no Hupaa – Unidade de Terapia Intensiva Neonatal, Unidade de Cuidado Intermediário Convencional, Unidade de Cuidado Intermediário Canguru e ambulatório.

Em seguida, apresentam às preceptoras o diagnóstico e planejam ações e materiais a serem compartilhados com puérperas, familiares e funcionários nos referidos locais.

No projeto de extensão ocorre, prévio às práticas, um breve momento introdutório sobre o MC, voltado aos novatos. A pesquisadora principal, na função de preceptora no projeto, desde 2019, foi identificando, em algumas falas de estudantes, dúvidas e inseguranças relacionadas ao MC e ao desenvolvimento de ações acerca dele.

Essa lacuna na formação motivou o trabalho aqui descrito. Somado a isso, percebeu-se, na revisão de literatura, que os materiais eram direcionados a profissionais e gestores da saúde. Não foram encontradas publicações voltadas à formação de discentes.

Há uma escassez de materiais, em especial, na área da saúde, sobre o uso de oficinas pedagógicas como estratégia de ensino, desde o embasamento para o planejamento e sua realização, como os meios de avaliação dos seus resultados. Portanto, este trabalho busca trazer contribuições significativas para o tema. Informações que extrapolam o que será compartilhado neste artigo podem ser obtidas no Repositório Institucional da Ufal (Riufal).

## **2. Percorso metodológico**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória, sustentada pelos pilares teóricos e metodológicos de análise das práticas discursivas e produção

de sentidos no cotidiano (Spink *et al.*, 2013; Spink *et al.* 2014). Considera-se que o conhecimento é construído coletivamente, por meio de negociações de sentido, e que as informações são coproduzidas durante a pesquisa, na relação dialógica entre pesquisadora e participantes (Spink *et al.*, 2013).

Como ferramenta metodológica, foram elaboradas e realizadas duas oficinas pedagógicas com a temática do Método Canguru. Utilizou-se uma plataforma digital, e as oficinas foram gravadas, com autorização prévia, para que pudessem ser analisadas em profundidade.

Após o convite e os esclarecimentos a respeito da pesquisa, as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Na concordância com os termos e a assinatura digital do documento, iniciaram-se as etapas seguintes.

Com o intuito de assegurar o anonimato das informações produzidas, as discentes foram identificadas com a letra "D", seguida de um número. A pesquisa foi realizada de acordo com a Resolução CNS nº 510/2016 e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o parecer nº 4.641.466/2021.

## **2.1. Participantes**

A pesquisa foi feita com membros do projeto de extensão universitária "Nasci prematuro... e agora?". Foi estabelecido como critério de inclusão: discentes que ingressaram, por meio de seleção, em outubro de 2021. Após o processo seletivo, houve um total de vinte discentes, todas do sexo feminino. Foram excluídas do estudo aquelas que não tinham disponibilidade de participar integralmente de ambas as oficinas, independentemente do motivo.

Assim, participaram quinze discentes: duas cursavam medicina, duas, fisioterapia, três, enfermagem, quatro, fonoaudiologia e quatro, terapia ocupacional. Sete cursavam o primeiro ano da graduação, cinco, o segundo ano e três, o terceiro ano.

Para a condução das oficinas, havia duas facilitadoras: a pesquisadora principal e a auxiliar, ambas fisioterapeutas atuantes na Unidade Neonatal do Hupaa e pós-graduandas do mestrado profissional em ensino na saúde da Ufal.

## 2.2. Construção de materiais e das oficinas

Uma das produções técnicas desta pesquisa foi o “Manual técnico para realização de oficinas do Método Canguru”. Esse documento foi elaborado para ser de fácil compreensão e reprodução (disponível no Riufal, conforme citado).

Como referencial teórico, foram utilizadas as coleções do MS sobre a *Atenção humanizada ao recém-nascido: Método Canguru*, e outras fontes, principalmente, artigos científicos, para estruturação de oficinas pedagógicas. Foram obtidos na biblioteca particular da pesquisadora e por busca feita na Biblioteca Virtual em Saúde, com uso dos descritores: “oficinas pedagógicas”, “ensino”, “aprendizagem”, “materiais de ensino” e “Método Canguru”, assim como seus correspondentes em inglês.

Em seguida, foram selecionados os recursos tecnológicos e os materiais didáticos, bem como foi feita a programação das atividades. Essas fontes também vieram do acervo pessoal da pesquisadora e da citada base de dados.

Destacamos que as oficinas foram realizadas no modo virtual, devido à pandemia da Covid-19, que, no período de pesquisa, impossibilitava que fossem feitas atividades com extensionistas na modalidade presencial na instituição hospitalar. Esse contexto social exigiu a adaptação e melhoria de práticas de ensino, com ênfase em recursos tecnológicos *on-line*.

Priorizaram-se metodologias ativas de ensino e embasamento teórico articulado com a prática. Adotaram-se estratégias que permitissem expressão de demandas, trocas de experiências, propostas de soluções, reflexões e sensibilização para coprodução de diálogo democrático, participativo e horizontalizado entre todas.

## 2.3 Execução das oficinas

A etapa seguinte foi a realização das oficinas, norteadas pelo manual técnico. Foram executadas duas oficinas, em dezembro de 2021, com diferença de uma semana entre elas.

Esses dois encontros síncronos tiveram a duração de cerca de duas horas e trinta minutos (cada) e foram feitos por meio da plataforma de videoconferência Google Meet®. Foram combinadas mais cinco horas assíncronas para leitura

prévia de materiais de estudo e para realização de atividades propostas entre os encontros.

A primeira oficina se iniciou com uma breve apresentação sobre o tema e seus objetivos. Deu-se seguimento com uma dinâmica de apresentação, com o uso de uma tela interativa *on-line*, Jamboard®. Nessa, as participantes escreveram suas expectativas e/ou sentimentos com relação à participação nas oficinas.

No momento seguinte, a pesquisadora realizou a exposição dialogada da Política de Atenção Humanizada ao Recém-Nascido – Método Canguru, na qual promoveu-se uma conversa com as participantes, permitindo-se o compartilhar de dúvidas e a interação dos conhecimentos prévios e dos coproduzidos até o momento.

A próxima atividade foi a construção de uma nuvem de palavras, utilizando o Mentimeter®. Solicitou-se que cada participante escrevesse até três palavras ou conjunto de palavras complementando a frase “Método Canguru é...”.

Essa atividade estava programada para ocorrer anteriormente à exposição dialogada, porém, houve um problema com o código de acesso à plataforma e, após ajuste, foi viável realizá-la. Não foram identificados prejuízos relacionados à inversão nas atividades. As facilitadoras zelaram para que o objetivo de ambas as atividades se mantivesse.

Em seguida, as participantes foram divididas previamente em dois grupos, de modo a assegurar a diversidade dos cursos de graduação. Cada grupo recebeu uma situação-problema: grupo 1 – “Posso tocá-lo?”; e grupo 2 – “Melhor não, não é a hora”. A pesquisadora criou tais situações com base em sua experiência profissional em unidade neonatal. Para a condução dessa atividade, foram abertas duas novas salas virtuais. Cada facilitadora ficou responsável por uma delas.

Cada grupo iniciou a discussão do caso separadamente e teve as orientações dos passos que se dariam de forma assíncrona: a investigação individual e coletiva das participantes e a construção de materiais educacionais como propostas de solução dos problemas identificados nos casos, a serem compartilhados no próximo encontro. Por fim, foi realizada uma breve avaliação

da oficina 1 e se escutaram sugestões para a oficina 2. Em seguida, encerrou-se o primeiro encontro.

No início da segunda oficina, uma das participantes realizou uma síntese do encontro anterior e dos compromissos compactuados para esse novo encontro. Prosseguiu-se com a exibição do vídeo: “Conhecendo uma Unidade Neonatal”, produto educacional vinculado à pesquisa (mais informações no trabalho disponível no Riufal). Logo após, discutiu-se em torno dos aprendizados ocorridos.

Seguiu-se com a exposição de um material intitulado “*Passo a passo da posição canguru*”. Promoveu-se um diálogo em torno do ensino e dos meios para efetivar sua realização nas unidades neonatais.

Na sequência, os dois grupos apresentaram as suas situações-problema e as propostas de solução. O grupo 1 construiu o *folder* “Abordagem adequada dos profissionais na UTI Neonatal”. Esse material aborda nove maneiras para uma assistência de qualidade no cuidado neonatal.

O grupo 2 redigiu a cartilha interativa “Guia Método Canguru para novas mães”, com informações sobre o MC.

Após as apresentações, promoveu-se uma discussão acerca dos problemas e das propostas de solução. As facilitadoras e as discentes deram *feedbacks* em relação aos materiais produzidos, gerando um momento rico para aprendizagem, com a articulação entre teoria e prática. As participantes, além de coproduzir o conhecimento, avaliaram de modo ativo e crítico as suas produções.

O momento seguinte foi uma conversa avaliativa, coletiva e verbal, em que foram abordados três tópicos principais: conteúdo e material, participação nas oficinas e aprendizagem. Possibilitaram-se às participantes a expressão de suas impressões, críticas e sugestões.

Na última atividade, foi construída uma nova tela interativa na plataforma Jamboard®. Nela, as participantes e as facilitadoras registraram suas considerações e lições levadas após as oficinas do MC, completando a frase: “Eu levo daqui...”. Foi fortalecido o aprendizado compartilhado nas oficinas. Por fim, encerrou-se o encontro.

## 2.4 Análise das informações

A análise foi feita considerando as transcrições sequencial e integral das falas registradas nas gravações em vídeo. Na transcrição sequencial, identifica-se quem falou, os assuntos abordados e o fluxo das falas e que, junto à leitura exaustiva da transcrição integral, colaboraram para produzir as categorias analíticas (Nascimento; Tavanti; Pereira, 2014; Spink *et al.*, 2014).

Na sequência, foi elaborado um mapa dialógico. Ele é organizado em colunas, relativas às categorias produzidas, e linhas, preenchidas com trechos das falas da transcrição integral, cuidando-se para manter o(s) sentido(s) e o contexto específico em que a fala se insere (Spink *et al.*, 2014).

Destaca-se que a plataforma de videoconferência utilizada nos encontros oferece a ferramenta de *chat*, possibilitando a troca de mensagens durante as oficinas. Assim, os comentários enviados pelas participantes foram considerados na análise discursiva e integraram também o mapa dialógico.

## 3. Resultados e discussão

Para análise das práticas discursivas, foram construídas duas categorias analíticas: sentidos atribuídos ao Método Canguru e os aprendizados ocorridos durante as oficinas e relevância do uso de oficinas pedagógicas no projeto de extensão.

### 3.1 Sentidos atribuídos ao Método Canguru e os aprendizados ocorridos durante as oficinas

Após a revisão dos conceitos e das diretrizes norteadoras do MC, deu-se início à atividade da nuvem de palavras. Registraram-se os vários sentidos atribuídos ao MC: humanização da vida, atenção humanizada, rede de apoio, desenvolvimento, acolher, laços, respeito, ciência, saúde, contato, ressignificação, construção de vínculo, amor concreto, aconchego, cuidar, afeto, toque, amar, apego, afetividade, calor, aleitamento.

Além disso, mais de uma pessoa escreveu: vínculo, cuidado, acolhimento, amor e humanização. Todos esses termos estão de acordo com a política pública desse modelo assistencial, que promove a assistência integral e humanizada no cuidado ao RN e sua família (Brasil, 2017).

O acolhimento, uma diretriz expressa da PNH, é essencial como uma das práticas de humanização preconizadas pelo MC. E, no cuidado perinatal, ratifica-se que ele ocorra entre os profissionais e as famílias de modo imprescindível nas relações de vínculo afetivo e confiança entre eles, assim como entre pais e filhos (Brasil, 2013; Fonseca *et al.*, 2020; Silva; Hoffmann; Zacaron, 2018).

A exposição dialogada permitiu o compartilhamento de experiências prévias e um melhor entendimento de conceitos e de como realizar o MC. D13 pontuou que tinha certas compreensões equivocadas relacionadas ao MC, enquanto outra discente complementou: “já comecei a atrelar alguns conhecimentos de matérias da faculdade, de vivências e afins. [...] desmistificou algumas situações” (D2).

A partir do diálogo gerado, D3 questionou a Posição Canguru, que reconheceu que, apesar de saber sobre a sua importância, tinha dúvida sobre como orientá-la e promovê-la. D1, por sua vez, questionou o tempo de permanência na posição. Esse e outros pontos fundamentais acerca do MC foram discutidos e trabalhados de modo coletivo e colaborativo.

Observou-se que, na construção da nuvem de palavras, as participantes puderam expressar os sentidos que consideravam mais relevantes em relação ao MC. Assim, o diálogo foi facilitador para a atribuição de sentidos, reafirmando a importância da dialogia para melhor relacionar o conteúdo (Paviani; Fontana, 2009).

Foi perceptível que as situações-problema geraram uma significativa ação-reflexão-ação (Leite *et al.*, 2021). Todo processo para construção das propostas de solução até as suas apresentações trouxe reflexões e aprendizados sobre conceitos-chave do MC. Os resultados e análises serão trazidos sem fazer distinção entre os dois grupos, visto que os aprendizados foram sendo coproduzidos e compartilhados entre todas as participantes.

Dentre os aprendizados, abordou-se a conduta profissional que deve ser tomada junto à família e ao RN. As discentes pontuaram que é extremamente necessário que o contato pele a pele entre mãe/pai-bebê aconteça para a criação de vínculo. O estímulo e a orientação aos pais do toque à Posição Canguru são importantes. D7 realçou que explicar os benefícios em realizá-la é essencial.

Destacou-se que a prática humanizada é indissociável desse modelo assistencial. D1 reforçou a ligação da humanização ao que estava sendo dito: “a partir do momento em que o profissional faz uma atenção humanizada, ele vai se preocupar em explicar para os pais [...] que é importante encorajá-los para o toque”.

Ademais, em relação à humanização, D2 explorou a importância do acolhimento e do acompanhamento, em especial, no primeiro contato entre eles. O cuidado com a ambiência foi trazido, com destaque para a diminuição de ruídos que podem estar presentes na unidade neonatal.

Destacou-se o direito de os pais receberem notícias da evolução do filho em tratamento. Assim, afirmaram que é importante assegurar que pai e mãe não sejam considerados visitas; devem estar presentes constantemente na unidade neonatal e nos cuidados ao RN, respeitando-se as individualidades e as tradições das famílias.

Concordantes com a literatura a respeito, exploraram atribuições e cuidados da equipe de saúde indicadas no MC para uma melhor assistência (Brasil, 2017; Ferreira *et al.*, 2019; Silva; Hoffmann; Zacaron, 2018). Tais aprendizados estão de acordo com Fonseca *et al.* (2020), que reiteram as falas das discentes como ações que devem ser ofertadas no contexto de uma unidade neonatal, normatizações que favorecem o cuidado centrado na família.

Dando continuidade aos aprendizados, D14 explicou sobre a proposta de trazer soluções à desinformação acerca do MC. Adicionou que isso poderia ocorrer tanto por parte de quem trabalha nas unidades de cuidado perinatal, quanto por parte dos pais. Em relação aos primeiros, as participantes foram unânimes em atrelar a falta de capacitação como principal dificultador.

a questão da desinformação [...] dos profissionais de saúde que não têm capacitação ou que às vezes têm, mas não colocam em prática. E isso faz com que as mães se sintam inseguras [...] então, a gente destacou o quanto é importante o conhecimento. (D4)

A ausência de experiência profissional e/ou do conhecimento do impacto do MC na vida dos RNs e de seus familiares está atrelada a barreiras para efetivar o método (Ferreira *et al.*, 2019). Algumas das medidas resolutivas que merecem destaque são a formação para iniciantes e o treinamento contínuo dos profissionais, além do apoio organizacional (Lim, 2018).

Em relação aos pais, pontuaram que a falta de conhecimento a respeito do método gera falta de confiança e dificuldade em estabelecer vínculos e cuidados com seus filhos, como na fala de D4 apresentada acima e complementada por D11 “mas há insegurança [da família], justamente por não ter conhecimento”.

D4 destaca a importância de as famílias receberem informações e orientações e conclui: “o quanto é importante estarem informadas e orientadas [as mães], a fim de diminuir problemas relacionados à prematuridade, por exemplo. É não deixar a desinformação vencer”.

Viana e colaboradores (2018) destacam que a educação em saúde facilita o aprendizado e promove a autonomia da família diante da informação e orientação sobre a finalidade e os benefícios do MC. Quanto a esse aspecto, as participantes consideraram que os materiais produzidos se mostraram importantes fontes de ensino da temática, podendo ser usados tanto junto à equipe quanto com os familiares.

Também ocorreu aprendizado em relação ao ambiente de prática, por meio do vídeo educativo. D13 declarou que antes não tinha conhecimento de um dos setores de uma unidade neonatal. Temos o relato de outras extensionistas a respeito:

então, o vídeo produzido por vocês, pelo menos para mim, me familiarizou com o ambiente da UTI [...] a explicação do método de uma forma simples e clara, mas que ficou muito bem explicado para dar realmente a base. (D4)  
é importante ressaltar que funciona na prática, todas essas intervenções [...] A maioria do que abordamos foi mostrado na prática do vídeo, então é bem interessante fazer essa relação. (D6)

Outro aspecto relevante apontado na experiência foi a particular inquietação de uma das extensionistas de como promover a continuidade do cuidado às famílias com condições financeiras e de acessibilidade menos favorecidas:

mas ao redor de onde eu moro, muitas pessoas moram em sítios, daí fico pensando: “como a gente pensa uma continuidade, da acessibilidade dessas pessoas a esses espaços e atendimentos dentro de uma lógica: de primeiro, a questão de condições financeiras; e a questão realmente, social?”. A maioria das vezes, é o homem que trabalha e a mulher que cuida da casa, e tem mais um filho. Fico pensando: “como é que acontece o acompanhamento para essas mães?” (D4)

A partir desse questionamento, foi engendrada uma rica discussão, com reflexões entre participantes e facilitadoras das oficinas. Essas últimas, com base na experiência profissional e nas orientações da política do MC, contribuíram com exemplos de efetivas ações lançadas para mitigar tais entraves na atenção assistencial.

Assim, a experiência proporcionou contribuições para a construção de sentidos e saberes. Também promoveu a consolidação dos princípios e práticas preconizados pelo MC, em cenários reais de assistência.

### **3.2 Relevância no uso de oficinas pedagógicas no projeto de extensão**

É importante envolvimento do educando de forma ativa para o alcance de um conhecimento mais significativo. Na pesquisa, foi identificado que, com a adoção de estratégias que instigaram a participação ativa das envolvidas, possibilitou-se que todas aprendessem e ensinassem sobre o tema.

Gostei muito das dinâmicas, da forma como vocês montaram esses dois momentos, planejaram, porque não ficou uma coisa unidirecional, foi uma construção. A gente foi construindo juntas o conhecimento. E acho que isso faz com que a gente foque mais e se sinta também protagonista desse espaço. (D4)

a maneira como se deu a oficina, a gente foi construindo, não só aquele: “fala, fala, olhando slide”. Eu acho que isso tornou a oficina bem dinâmica e ajudou bastante para fixarmos [...] (D1)

As facilitadoras sempre enfatizaram a importância de cada uma das partícipes no processo de coprodução que estava sendo estabelecido. As falas acima revelam que esse objetivo se concretizou, com o mínimo de intervenção e direcionamento conteudista, tal como propõem Leajanski, Bagio e Zanon (2020).

Além disso, ao considerarmos os estudantes o cerne do processo de ensino-aprendizagem, estamos em consonância com uma revisão integrativa da literatura, que aponta como recente e cada vez maior impulsão em mudar o cenário da educação superior brasileira, para que seja pautada em metodologias ativas. Esse processo tem ocorrido, em especial, na formação da área de saúde (Leite *et al.*, 2021).

Vários foram os recursos utilizados (nuvem de palavras, situações-problema, vídeo etc.). Sem dúvida, na realização de oficinas, é primordial tornar

o educando sujeito do seu aprendizado (Paviani; Fontana, 2009). E, conforme se constatou, isso foi alcançado no caso das oficinas do MC.

A nuvem de palavras não só possibilitou o levantamento de palavras relacionadas ao MC, mas o processo de compartilhamento dos vários sentidos existentes a respeito. Assim, concordamos com Prais e Rosa (2017), que demonstram que o recurso amplia alternativas na mediação para apropriação de conteúdo e favorece o processo de ensino e aprendizagem do educando.

O trabalho com as situações-problema se mostrou relevante, pois implicou no estudo teórico, na identificação de problemas, na discussão e negociação de sentidos a respeito do que estava sendo debatido, assim como no trabalho coletivo para a produção de soluções. Além disso, os conhecimentos também foram fortalecidos durante a socialização dos produtos educacionais que fizeram.

“A leitura dos materiais [teorização] traz mais conhecimento sobre alguns termos que antes a gente não sabia ou utilizava de outra forma” (D2). Esse fragmento demonstra que o conhecimento foi sendo produzido e reconhecido na atuação ativa das participantes no uso das situações-problema. Como em outros estudos, o uso pertinente da metodologia problematizadora em oficinas serviu para a promoção da melhor compreensão da temática (Francisco Junior; Oliveira, 2015; Martins *et al.*, 2018).

Gesteira e colaboradores (2012), ao fazerem uso da problematização em oficinas pedagógicas, acrescentaram que o aprofundamento teórico a partir da prática implica no acadêmico um verdadeiro pensar e repensar. Porém, destacaram que, inicialmente, em seu estudo, estudantes apresentaram resistência em lidar e desenvolver o conhecimento coletivo acerca dos casos escolhidos. E isso ocorreu apesar dos ganhos de conhecimento por meio das interações e ações realizadas.

Em nossa pesquisa, diferentemente, não foram observadas dificuldades no trabalho coletivo com as situações-problema e na construção do conhecimento a partir delas. Tal resultado pode ser atribuído, primeiramente, às expectativas positivas que as participantes expressaram, ao iniciar as oficinas, acerca da temática. Também pode ter contado, de modo favorável, o ingresso

voluntário no projeto de extensão, que promove ações de desenvolvimento do MC.

Essa adesão inicial existente na população estudada difere do realizado por Gesteira *et al.* (2012). Outra diferença entre os estudos é que, em nosso caso, havia menos participantes, quinze estudantes, enquanto o estudo citado teve trinta e sete. É cabível registrar que Ribeiro e Silva (2021) sugerem limitar o número a dezoito participantes, pois assim se facilita a interação e a participação ativa.

Ainda em relação à atividade problematizadora, D2 pontuou que as produções e os aprendizados proporcionados pelos dois grupos se complementam. D4 disse que a metodologia ativa promoveu maior interesse, engajamento e produção de resultados significativos: “a gente conseguiu montar materiais bons sobre o tema. Eu acredito que quando a gente vai lá, pesquisa, lê, estimula ainda mais o aprendizado”.

Pode-se entender que a construção de seus materiais proporcionou às acadêmicas, ainda em início de formação, a possibilidade de planejar, executar e avaliar ações concretas, tendo por base as práticas norteadas pela temática do MC. Sob esse aspecto, Francisco Junior e Oliveira (2015) afirmam que, no trabalho ativo, os participantes assumem o papel de quem aprende para mudar a realidade.

Um vídeo educativo foi outro recurso que mereceu destaque, por facilitar o ensino-aprendizagem acerca do MC. Concordamos com Francisco Junior e Oliveira (2015), que compararam distintos recursos didáticos no planejamento de oficinas, concluindo que vídeos foram um dos que mais contribuíram para a aprendizagem de conceitos.

Em contrapartida, é relevante permitir reflexões críticas dos processos e estratégias durante o percurso de análise, e não somente na etapa final (Paviani; Fontana, 2009). Por isso, nesta pesquisa, ao longo dos encontros, pudemos apreciar gradativamente os resultados, desde comentários espontâneos àqueles registrados nos momentos de avaliação propriamente ditos.

Ao avaliarem a aprendizagem acerca do tema, constatou-se que as oficinas proporcionaram às participantes uma aprendizagem significativa, como visto nos relatos de D2 e D4:

Agora que está finalizando, sinto que adquiri um conhecimento que antes eu não tinha, até mesmo segurança para falar determinadas coisas. [...] Ao longo, a gente foi tendo um enriquecimento de conhecimento muito grande. Então, agora, eu me sinto muito mais segura para falar sobre. (D2)

quanto à aprendizagem, eu me sinto muito bem-informada sobre, como é que faz, como deve ser, e o que fazer. (D4)

D1 e D4 acrescentaram que o proposto permitiu uma construção coletiva do conhecimento:

Eu acho que foi muito bom para todo mundo e eu acho que a gente sai daqui com novos conhecimentos que a gente pode levar. (D1)

amei nossos encontros, as dinâmicas e construir o conhecimento junto com vocês! (D4)

As oficinas pedagógicas possibilitaram às participantes, coletivamente, criar, repensar e inovar ações investigativas e socializadoras, sem dissociar a teoria da prática na aquisição do conhecimento (Ribeiro; Silva, 2021).

Leajanski, Bagio e Zanon (2020) afirmam aquilo que também percebemos: que a própria socialização no trabalho em grupo possibilita uma troca importante ao desenvolvimento acadêmico. Nessa direção, elas demonstraram estar mais bem preparadas e entusiasmadas para aplicar na prática os aprendizados adquiridos, tanto para darem início às atividades do projeto de extensão, quanto em sua futura atuação profissional: “só dá mais vontade de viver na prática” (D10).

Quanto ao conteúdo e ao material, a maioria das participantes avaliou positivamente. Considerou que o conteúdo explorado e os materiais indicados e usados nas oficinas foram abordados de forma leve e dinâmica. Tal como em nossa pesquisa, Moita e Andrade (2006) apresentam oficinas como importantes para o ensino, por serem abertas e dinâmicas.

Ao avaliarem as suas próprias participações, a resposta foi bastante positiva. Porém, achamos interessante destacar que algumas participantes, como D1 e D4, pontuaram que, caso as oficinas tivessem ocorrido no modo presencial, presumivelmente, teria sido mais proveitosa a participação geral.

Gossenheimer, Carneiro e Castro (2015) fizeram um estudo comparativo do uso da metodologia ativa nas modalidades à distância e presencial.

Concluíram que os estudantes destacaram a interação mais direta e a comunicação mais efetiva quando presencialmente.

Nesse sentido, deduz-se que a questão despontada em nosso estudo e no dos autores acima é a recente familiaridade, em especial, na área da saúde, em realizar atividades de ensino no modo virtual. Porém, foram muito necessárias e importantes no contexto pandêmico, no qual ocorreram nossas oficinas. Rocha *et al.* (2020) apontam que o uso de tecnologias digitais pode contribuir em processos educacionais, extrapolando espaços físicos.

Ainda assim, em nossa pesquisa, foram identificados resultados positivos na realização *on-line*. D3 disse que foi possível a interação constante, e D2 e D12 acrescentaram:

estava curiosa e um pouco nervosa também para saber de que forma daria para participar, principalmente desse modo *on-line*. Mas, logo de cara, no primeiro dia, eu já me senti superconfortável. (D2)

E como oficinas *on-line*, foi a que mais deu aquela cara de oficina. Então, isso me deixou muito feliz, porque é uma das metodologias que eu gosto bastante e que me trouxe realmente de volta, depois desse tempo todo sem ter essas dinâmicas [devido à pandemia]. (D12)

Diante do exposto, concordando com Moita e Andrade (2006), reforça-se a importância de promover espaços de aprendizagem em um processo dinâmico e interativo. Tal como ocorre em oficinas, seja no modo presencial ou à distância.

Retornando a uma questão, compartilhamos que, de antemão, foi pensada a possibilidade de as oficinas serem reproduzidas de maneira presencial. Nesse sentido, foram incorporados ajustes na versão final do manual técnico para tal fim.

Outro relevante aspecto foi a valorização de dúvidas e preocupações. Ter acolhido e ter trabalhado com isso possibilitou às participantes um melhor envolvimento, crescimento e aprendizado durante as oficinas, com enfoque na capacidade resolutive da realidade social.

Tiraram a minha dúvida porque eu fiquei muito com isso na cabeça, eu estudando e pensando: “Meu Deus, como que eu trago isso pro meu povo aqui, lugar tão longe?”. Eu gostei bastante das respostas. E é realmente isso. É trabalhar a educação em saúde e tentar construir formas de ser efetivo e de ser para todos. (D4)

Ao refletir sobre a experiência de coprodução ter sido compartilhada com extensionistas, concordamos com Marinho e colaboradores (2020), que Revista Educação Online, Rio de Janeiro, v. 19, n.20, maio-ago. 2024, p. 1-23

reportam a relevância em engajar acadêmicos da área da saúde em projetos de extensão. De acordo com os autores, ao levá-los a esferas do conhecimento para além das salas de aula, são dadas condições para que, na futura profissão, tenham uma visão integrada da realidade social.

A pesquisa ainda possibilitou às facilitadoras - também educadoras no ensino na saúde e fisioterapeutas da assistência neonatal - aprimorarem a atuação como mediadoras no aprendizado e a própria atuação assistencial, devido à metodologia e temática abordadas. Dessa maneira, despontou-se um processo autoavaliativo, como dito nesse trecho: “[...] essa prática coletiva me fez também refletir sobre a minha assistência como fisioterapeuta de uma unidade neonatal”.

Percebe-se que oficinas pedagógicas são uma diferenciada estratégia de ensino, que amplia possibilidades de melhorar o desenvolvimento acadêmico e profissional de todos os envolvidos. Portanto, entendemos e concordamos com Leajanski, Bagio e Zanon (2020), quando, ao se referirem à sua experiência, dizem que ela possibilitou reflexões e avaliações do próprio trabalho docente, devendo-se considerá-la como positiva.

Outra atividade realizada – a tela interativa – foi importante meio de consolidação dos resultados. Esse recurso foi utilizado para a atividade de encerramento. Nela, foram registradas as considerações e lições geradas nas oficinas. Tanto as participantes quanto as facilitadoras fizeram seus registros.

Apontou-se um processo de valorização do coletivo, com enriquecimento do conhecimento, vontade de promover educação em saúde, segurança no agir e fortalecimento do MC. Também escreveram que houve aprendizado de conceitos de humanização, relevância em promover a atenção integral e digna por meio do MC e a importância que o MC tem na evolução do RN e na mudança de realidades nas unidades neonatais.

Por fim, em face à análise dos resultados desta pesquisa, conclui-se que as oficinas foram bem avaliadas e atenderam às expectativas. Também se revelaram como intervenção que contribuiu tanto para o processo de ensino-aprendizagem no MC, como oportunizou reflexões de práticas individuais e coletivas em seu contexto. Críticas e limitações não foram identificadas pelas discentes.

#### **4. Considerações finais**

O objetivo de pesquisa foi alcançado, visto que foi avaliado e compartilhado como as oficinas pedagógicas contribuíram para o ensino-aprendizagem do Método Canguru. Foi possível atrelar o conhecimento teórico à ação nos modos de ensino e prática do MC. Identificou-se uma progressão de ganho de aprendizados que fortaleceu o tema no contexto da formação nas graduações em saúde.

Este artigo se faz relevante por colaborar para suprir a falta de publicações sobre o tema, reafirmando as oficinas como uma ferramenta significativa no ensino-aprendizagem e na formação dos participantes.

As oficinas ocorreram no modo virtual, porém, foram consideradas passíveis de serem adaptadas para o modo presencial. Esse é um resultado positivo no impacto da intervenção educacional, uma vez que podem ter sua reprodução em diferentes realidades.

Observou-se que as oficinas permitiram às facilitadoras aprimorarem técnicas de ensino no processo do desenvolvimento acadêmico. E, por meio da proposta, foi possível experimentar diferentes atividades de modo dinâmico e participativo para construir o conhecimento junto ao educando. Assim, ampliou-se e melhorou-se a prática como educadoras, e, ainda, o repensar do trabalho assistencial.

Aponta-se como limitação, neste estudo, a realização de apenas duas oficinas aplicadas a discentes com particular interesse a respeito da temática, porém, com pouca ou nenhuma vivência nos campos de prática. Assim, sugere-se que mais estudos sejam feitos envolvendo grupos distintos de acadêmicos, para substanciar as oficinas como intervenção com potencial de contribuir para o ensino e a formação do MC.

## Referências

- BALDOINO, A. S.; VERAS, R. M. Análise das atividades de integração ensino-serviço desenvolvidas nos cursos de saúde da Universidade Federal da Bahia. *Rev. Esc. Enferm. USP*, [Online], v. 50, p.17-24, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/R4wBWdzTDjV3dPgM4RsHTpP/?lang=pt>. Acesso em: 4 set. 2022.
- BENEVIDES, R; PASSOS, E. Humanização na saúde: um novo modismo? *Interface – Comunic, Saúde, Educ.*, v.9, n.17, p. 389-406, mar./ago. 2005.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Atenção humanizada ao recém-nascido de baixo peso: método canguru*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2014. (Caderno do tutor).
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Atenção humanizada ao recém-nascido: método canguru: manual técnico*. 3. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2017.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. *Política nacional de humanização*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2013.
- FERREIRA, D. de O. *et al.* Método canguru: percepções sobre o conhecimento, potencialidades e barreiras entre enfermeiras. *Esc. Anna Nery*, [Online], v. 23, n. 4, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/CnCYL5xvtf5TsCQ4L59JP4k/?lang=pt>. Acesso em: 18 out. 2022.
- FONSECA, S. A. *et al.* Family centered-care at the neonatal intensive care unit (NICU): nurses' experiences. *Enfermería*, v. 9, n. 2, p. 170-190, 2020.
- FRANCISCO JUNIOR, W. E.; OLIVEIRA, A. C. G. Oficinas pedagógicas: uma proposta para a reflexão e a formação de professores. *Quím. Nova Esc.* [Online], v. 37, n. 2, p.125-133, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.5935/0104-8899.20150029>.
- GESTEIRA, E. C. R. *et al.* Oficinas como estratégia de ensino-aprendizagem: relato de experiência de docentes de enfermagem. *R. Enferm. Cent. O. Min.*, [Online], v. 2, n. 1, 2012. DOI: <https://doi.org/10.19175/recom.v0i0.33>.
- GOSENHEIMER, A. N.; CARNEIRO, M. L. F.; CASTRO, M. S. de. Estudo comparativo da metodologia ativa “gincana” nas modalidades presencial e à distância em curso de graduação de farmácia. *ABCS Health Sci.*, [Online], v. 40, n. 3, p. 234-240, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.7322/abcshs.v40i3.801>.
- LEAJANSKI, A. D.; BAGIO, V. A.; ZANON, D. P. Oficinas pedagógicas: reflexões emergentes da formação docente e vivência extensionista. *Rev. Ciênc. Ext.*, v.16, p.140-156, 2020. DOI: <https://doi.org/10.23901/1670-605.2020v16p140-156>.
- LEITE, K. N. S. *et al.* Utilização da metodologia ativa no ensino superior da saúde: revisão integrativa. *Arq. Ciênc. S. UNIPAR*, [Online], v. 25, n. 2, p. 133-144, 2021. DOI: <https://doi.org/10.25110/arqsaude.v25i2.2021.8019>.

- LIM, S. Neonatal nurses' perceptions of supportive factors and barriers to the implementation of skin-to-skin care in extremely low birth weight (ELBW) infants: a qualitative study. *J. Neonatal Nurs.*, [Online], v. 24, n. 1, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jnn.2017.11.010>.
- MARINHO, I. H. P. *et al.* Liga acadêmica de cirurgia oral e maxilofacial como ferramenta de extensão universitária. *Braz. J. Hea. Rev.*, [Online], v. 3, n. 3, p. 6034-6045. 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/11396>. Acesso em: 11 ago. 2022.
- MARTINS, V. P. *et al.* Contribuições de oficinas pedagógicas na formação do interlocutor da educação permanente em saúde. *Rev. Eletr. Enf.*, [Online], v.20, p. 47, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5216/ree.v20.50148>.
- MOITA, F. M. G. S. C; ANDRADE, F. C. B. O saber de mão em mão: a oficina pedagógica como dispositivo para a formação docente e a construção do conhecimento na escola pública. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED. 29., Caxambu, 2006. *Anais...* Caxambu, Anped, 2006. p.1-16
- NASCIMENTO, V. L. V.; TAVANTI, R. M. T.; PEREIRA, C. C. Q. O uso de mapas dialógicos como recurso analítico em pesquisas científicas. In: SPINK, M. J. P. (Ed.). *A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014.
- PAVIANI, N. M. S.; FONTANA, N. M. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. *Conjectura*, v. 14, n. 2, p. 77-88, maio/ago. 2009.
- PRAIS, J. L. de S.; ROSA, V. F. da. Nuvem de palavras e mapa conceitual: estratégias e recursos tecnológicos na prática pedagógica. *Nuances: Estudos sobre Educação*, v. 28, n. 1, p. 201-219, 2017. DOI: <https://doi.org/10.14572/nuancesv28i1.4833>.
- RIBEIRO, F. da C.; SILVA, S. dos S. Uma cartilha para estruturação de oficina pedagógica. *R. Ibero-Am. de Hum., Ciênc. e Educação*, p. 4-40, 2021.
- ROCHA, F. S. M. *et al.* O uso de tecnologias digitais no processo de ensino durante a pandemia da covid-19. *Revista Interações*, v.16, n. 55, p.58-82, 2020. DOI: <https://doi.org/10.25755/int.20703>.
- SILVA, A. R. da; HOFFMANN, E; ZACARON, S. S. Acolhimento na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal: percepções das profissionais e mães. *Argum.*, v.10, n. 1, p.198-212, jan./abr. 2018.
- SPINK, M. J.; MENEGON, V. M.; MEDRADO, B. Oficinas como estratégia de pesquisa: articulações teórico-metodológicas e aplicações ético-políticas. *Psicologia & Sociedade*, v. 26, n. 1, p. 32-43, jan./abr. 2014.
- SPINK, M. J. P. *et al.* *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. Rio de Janeiro: CEPS, 2013.
- SPINK, M. J. P. *et al.* *Produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014.

VIANA, M. R. P. *et al.* Vivência de mães de prematuros no método mãe canguru. *J. Res. Fundam. Care. [Online]*, 2018. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-906351>. Acesso em: 18 out. 2022.

ZIRPOLI, D. B. *et al.* Benefícios do Método Canguru: uma revisão integrativa. *Rev. Pesqui. Cuid. Fundam. [Online]*, v. 11, n. 2 (esp.), p. 547-554, jan. 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-969301>. Acesso em: 21 set. 2022.